

4 METODOLOGIA E ANÁLISES

No capítulo anterior, dissemos que localizar formas lingüísticas na superfície de um enunciado é insuficiente para resgatar o alocutário construído em um discurso. Dissemos, ainda, que o lugar desse alocutário pode ser mais bem explicado por meio de uma instância implícita, o ponto de vista, que emerge das relações estabelecidas entre todos os elementos empregados em um enunciado, fato não considerado pela maior parte dos estudos que de alguma forma dão lugar ao *tu*. Sendo assim, adotamos o princípio de que a presença do alocutário só pode ser efetivamente descrita a partir da enunciação, da própria instância de discurso proferida pelo locutor e que essa descrição deverá, invariavelmente, contemplar a implicitude do enunciado e não apenas determinados índices superficiais formais. Evidentemente, não negamos que as marcas propostas pelos estudos apresentados podem deixar transparecer um ponto de vista alusivo ao alocutário. Assim, tais estudos podem servir como ponto de partida para a nossa investigação, mas é a análise enunciativa que nos fornecerá os elementos para a descrição do valor que essas formas ganham no discurso, porque é no uso da linguagem que o sentido é recuperável¹.

Tendo em vista que na enunciação o locutor implica necessariamente um outro, isto é, um alocutário, ainda que sejam variáveis os graus de sua presença, acreditamos não ser suficiente falar em marcas lingüísticas explícitas para chegarmos ao “*tu* construído”. Ora, se o locutor propõe um alocutário, com a intenção de agir sobre ele, influenciando-o, tudo o que proferir será em função da “pessoa que imaginou”, e não apenas uma ou outra palavra que a represente. Assim, investigar o “*tu* construído” requer o entendimento de que a segunda pessoa é constitutiva do discurso do locutor na sua totalidade, figurando quer explícita, quer implicitamente.

Isso posto, dispomo-nos, neste capítulo, a esboçar um procedimento analítico para revelar, sobretudo, o alocutário “implicitado” no discurso, tomando por base aportes de Ducrot (1987; 1988; 2001) e de Donaire (2004). A recorrência a Donaire

¹ Com o risco de sermos redundantes, reiteramos que, para nós, certas marcas explícitas, tais como os pronomes, podem denotar o alocutário. Porém, o sentido dessas marcas só pode ser descrito a partir do discurso. Ademais, entendemos que analisar apenas essas marcas, desconsiderando-se as “implicitudes”, não é suficiente para resgatar o alocutário que o locutor construiu.

deve-se ao fato de que o interesse de Ducrot, ao tratar da polifonia, concentrava-se, em mostrar a não-unicidade do sujeito, em como transcender a linearidade aparente do enunciado, não se preocupando, portanto, em desenvolver a teoria. Donaire, por outra parte, rastreou, ao longo da obra de Ducrot, referências que permitissem uma descrição comum para o funcionamento da polifonia em diferentes níveis lingüísticos, o que é importante para a elaboração de um construto analítico.

Donaire (2004) apregoa que a partir da proposta polifônica de Ducrot podem ser distinguidos quatro níveis de polifonia e defende que todos esses níveis podem ser explicados a partir do conceito de “ponto de vista”. Assim, para empreender um estudo polifônico de algum aspecto relacionado com a língua, é necessário precisar a qual desses níveis se aplica a observação.

O primeiro nível proposto por Donaire é o lingüístico. Esse nível caracteriza as unidades da língua, cujo significado está configurado por instruções de ordem polifônica. Os exemplos que sustentam essa posição da autora se encontram em Ducrot (1987). São estes: *panacée, cesser, détestable / adorable*. Para a autora, as instruções semânticas dessas unidades léxicas lhes conferem uma orientação argumentativa determinada, de modo que a própria ocorrência dessas unidades caracteriza um enunciado como polifônico. Em *[Pierre n'est pas gentil] – Au contraire, il est détestable / il est adorable*, a orientação argumentativa muda totalmente conforme se empregue *détestable* ou *adorable*, deixando transparecer uma enunciação subjetiva, um ponto de vista. Nesse sentido, a unidade polifônica no nível lingüístico é o ponto de vista, que configura o significado das unidades do léxico. De acordo com Donaire, os materiais lingüísticos concernidos por esse nível da polifonia são as unidades léxicas.

O segundo nível é o frástico, que caracteriza as unidades da língua cujo significado polifônico se manifesta na relação com outras unidades. Donaire afirma que é o caso de *mais, ne...pas, pour autant*. Vejamos:

Mais faz intervir necessariamente duas unidades lingüísticas, que denominarei por convenção *p, q*, quer dizer, se define como uma relação semântica da forma *p mais q*, assim como *pour autant*, que, nesse caso, define uma ordem diferente para as unidades que relaciona e define uma relação da forma *p, q pour autant*. Quanto a *ne...pas*, define uma relação específica entre *p* e *q*, enquanto *ne pas que* instrui uma orientação argumentativa₂ (*q*) distinta da orientação

argumentativa₁ que contém p , mediante a menção explícita de p e não explícita de q ². (Donaire: 2004, p. 124)

Para Donaire, as estruturas semânticas que definem as unidades desse nível são estruturas de frase. O significado dessas unidades não instrui um ponto de vista, mas a *gestão* dos pontos de vista instruídos pelas unidades que põem em relação (p e q). Com isso, corresponde ao nível frástico da polifonia a relação entre pontos de vista, e os materiais lingüísticos que configuram esse nível de polifonia são, entre outros, os conectores e operadores, bem como as estruturas sintáticas em geral.

Quanto ao terceiro nível, o enunciativo, a autora diz que corresponde à construção de uma representação do enunciado em forma de debate pela distribuição entre os enunciadores da responsabilidade dos pontos de vista convocados:

Os distintos pontos de vista determinam orientações argumentativas diferentes, e a relação que se estabelece entre os enunciadores conduz o debate para o sentido do enunciado, o qual se identifica com a responsabilidade do locutor³. (Donaire, 2004, p. 124)

A partir do exemplo *Avez-vous le Monde?* de Ducrot, Donaire diz que o enunciado se apresenta como um debate entre dois pontos de vista, identificados, nesse caso, com o conteúdo de *avoir-le Monde* e de *ne pas-avoir-le Monde*, conteúdos convocados mediante o colocar em dúvida o primeiro. Assim sendo, “o enunciado se define, em termos polifônicos, como a combinação de pontos de vista, e o seu sentido está configurado por uma *forma de debate*” (Donaire, 2004, p. 125). O nível enunciativo corresponde, portanto, à atribuição da responsabilidade dos pontos de vista que configuram o debate e à distinção entre locutor e enunciadores, suas unidades polifônicas.

O último nível que Donaire salienta é o discursivo. Para a autora, o discurso identifica as instâncias enunciativas e os pontos de vista com personagens do discurso⁴ (locutor, alocutário ou outros personagens) e com as posições discursivas desses personagens, respectivamente. Nesse sentido, locutor e alocutário são personagens dos quais o enunciado fala, são representações da enunciação. Em *Ah, je suis un imbécile; eh bien, attends un peu!* não há nenhuma marca formal de

² Tradução livre.

³ Tradução livre.

⁴ Personagens que apenas possuem uma dimensão lingüística.

polifonia. A polifonia existe na medida em que se manifesta a responsabilidade enunciativa de enunciadores que se distinguem do locutor. O discurso identifica um dos enunciadores com o interlocutor. Porém, a compreensão desse discurso depende do conhecimento do discurso precedente ou de algum outro aspecto da situação de discurso. Está posta, então, a dimensão discursiva da polifonia. De acordo com Donaire, as unidades polifônicas desse nível estão constituídas pelas distintas formas de debate, distintas formas de relação entre os enunciadores.

A sistematização desses níveis poderia levar-nos a cogitar, para fins metodológicos, uma escala analítica que progredisse do nível mais profundo e básico, o da língua, passando pelos níveis frástico e enunciativo, ao nível mais superficial e mais complexo, o discursivo. Contudo, conforme destaca Donaire, esses níveis não podem ser concebidos hierarquicamente, uma vez que se trata de quatro níveis de profundidade que se definem pelo estatuto particular de suas unidades. Logo, as análises polifônicas devem ser definidas em um desses níveis, consoante o aspecto lingüístico a ser observado.

Partindo dessa linha de pensamento, parece-nos que a análise a qual nos propomos se inscreve no nível discursivo da linguagem. Isso porque (1) buscamos o alocutário construído no discurso e não apenas em enunciados e (2) interessa-nos a atribuição da responsabilidade enunciativa aos enunciadores identificados ao alocutário.

Todavia, cremos que a distinção entre os níveis de polifonia lança luz sobre índices de polifonia passíveis de serem encontrados no discurso. Todo discurso está constituído por unidades léxicas, frásticas, bem como por enunciados. Por conseguinte, examinar as relações entre essas unidades faz parte da análise discursiva. Em outras palavras, só podemos chegar a estabelecer as responsabilidades pelos pontos de vista em um discurso, mediante essas relações.

Vejamos, então, os procedimentos analíticos a serem adotados em nosso trabalho.

4.1 PROCEDIMENTOS ANALÍTICOS

4.1.1 *Corpus*

O *corpus* desta pesquisa está composto por dez textos de domínio público em geral. Como critério para a seleção desses textos, optamos por não nos restringirmos a um único gênero⁵. Isso porque um determinado gênero poderia favorecer a abordagem que vimos defendendo e, dessa forma, deslegitimá-la. Por outro lado, a variedade de gêneros permite que seja confirmado o nosso pensamento de que o alocutário construído pode ser resgatado mediante uma abordagem polifônico-discursiva. Abstivemo-nos somente dos textos literários dada a sua especificidade para fins analíticos. Outro aspecto que devemos destacar é que nossa análise é de caráter qualitativo. Tendo em vista o nosso objetivo, o de testar a validade do nosso construto analítico em uma dimensão ilustrativa, não importa a quantidade de textos do *corpus* para as análises.

4.1.2 Etapas das análises

No capítulo anterior, discutimos algumas questões levantadas por Donaire (2000, 2003) sobre a natureza dos pontos de vista e, a partir daquela discussão, mencionamos quatro tipos de pontos de vista que interessavam à nossa proposta. Recordemos:

1. Ponto de vista X de um enunciador assimilado ao alocutário sobre A, em que A é um conteúdo de qualquer natureza;
2. Ponto de vista Y de um enunciador assimilado ao alocutário e a terceiros sobre A, em que A é um conteúdo de qualquer natureza;

⁵ Entendemos por gêneros de discurso, com Bakhtin (2003, p. 262), os tipos relativamente estáveis de enunciados.

3. Ponto de vista Z de um enunciador assimilado ao locutor sobre B, em que B é um conteúdo sobre o alocutário;
4. Ponto de vista W de um enunciador assimilado ao locutor sobre C, em que C é um conteúdo sobre o alocutário e terceiros.

Além disso, devemos lembrar que as formas explicitadas na superfície do discurso nos interessam, mas sempre observando o valor que elas assumem na construção que o locutor faz do alocutário em seu discurso.

Com efeito, com vistas ao alocutário “implicitado” no discurso, procedemos aos seguintes passos:

1. identificar as marcas formais que o locutor utiliza para referir ao alocutário;
2. analisar o valor que elas ganham no discurso;
3. a partir das relações entre as unidades léxicas, frásticas e enunciativas, buscar os pontos de vista X de um enunciador assimilado ao alocutário sobre A, em que A é um conteúdo de qualquer natureza;
4. de modo análogo, levantar os pontos de vista Y de um enunciador assimilado ao alocutário e a terceiros sobre A, em que A é um conteúdo de qualquer natureza;
5. levantar os pontos de vista Z de um enunciador assimilado ao locutor sobre B, em que B é um conteúdo sobre o alocutário;
6. levantar os pontos de vista W de um enunciador assimilado ao locutor sobre C, em que C é um conteúdo sobre o alocutário e terceiros;
7. verificar as atitudes do locutor em relação aos pontos de vista levantados;
8. descrever que alocutário o locutor implica por meio desse processo.

Evidentemente, nem todos os discursos deverão apresentar todas essas relações de assimilação, mas partimos do pensamento de que pelo menos uma dessas relações deverá ser encontrada.

4.2 ANÁLISES

4.2.1 Análise 1



AUMENTE SEU DIA TIRANDO UMA HORA.

As coisas gostosas da vida não precisam dar trabalho. A linha Clight é rápida e fácil de preparar. São 14 sabores, incluindo as versões Tea, Fibes e embalagem com doses individuais. Experimente.

Clight. Escolha o que dá sabor à vida.



Nessa propaganda da Clight, extraída da Revista *Boa Forma* (abril de 2006, p. 23), o alocutário é assinalado explicitamente. As marcas utilizadas pelo locutor são os verbos no imperativo *aumente, experimente e escolha* e o pronome possessivo *seu*. O tratamento por *você*, evidenciado nos morfemas verbais e no pronome, permite a inferência de que o alocutário é tratado de maneira mais informal, mais achegada.

Como sabemos, o gênero propaganda é dirigido a um alocutário coletivo e não a uma pessoa em especial. Desse modo, o uso da terceira pessoa do singular caracteriza um grupo de alocutários ao qual a propaganda é dirigida e não apenas uma pessoa isolada. Apesar de não termos encontrado nem nas gramáticas, nem nos estudos lingüísticos referências a esse tipo de fenômeno, podemos dizer que o uso dessa pessoa permite que se estabeleça um maior grau de aproximação entre locutor e alocutário. Mas, essa aproximação respeita os limites formais próprios à relação empresa-consumidor. Não há, no discurso, indícios de uma aproximação totalmente informal.

Por outro lado, o verbo *aumente* deixa transparecer um ponto de vista segundo o qual algo para o alocutário não está bom o suficiente. Associando esse imperativo com o possessivo *seu* e o substantivo *dia*, temos mais indícios sobre a construção do alocutário. Por essa combinação, podemos levantar os seguintes pontos de vista relativos ao alocutário:

E1 – O tempo não está suficiente para você.

E2 – Você precisa ter mais tempo.

Nesse caso, os pontos de vista têm o alocutário como conteúdo. Esses pontos de vista são atribuídos a enunciadores assimilados ao locutor. O locutor dá a sua aprovação a E1, mas se identifica com E2.

Em *As coisas gostosas da vida não precisam dar trabalho*, encontramos os seguintes pontos de vista:

E3 – O que é gostoso dá trabalho.

E4 – O que é gostoso pode não dar trabalho.

Nesse caso, E3 emerge porque, como vimos, a negação pressupõe a afirmação. E, essa afirmação não é assimilada ao locutor. E3, afirmativo, aqui, pode ser assimilado ao alocutário, que pode pensar que, para ter algo bom, precisa passar trabalho. Podemos dizer que o locutor assimila E3 também a terceiros, a uma voz universal, segundo a qual só é bom o que dá trabalho. O locutor rechaça E3 e identifica-se com E4.

No enunciado *A linha Clight é rápida e fácil de preparar*, o locutor apresenta a sua intenção, a de divulgar o seu produto. Esse enunciado associado aos enunciados anteriores *Aumente seu dia tirando uma hora* e *As coisas gostosas da vida não precisam dar trabalho* faz aparecerem estes pontos de vista:

E5 – Você deve ter mais tempo para descansar.

E6 – Você pode descansar e desfrutar das coisas gostosas.

E7 – A linha Clight faz economizar tempo.

E8 – Se você usar Clight poderá desfrutar das coisas gostosas sem passar trabalho.

O locutor concorda com E5 e E6 e identifica-se com E7 e E8, na tentativa de persuadir o alocutário do benefício do alimento.

Em seguida, o locutor novamente assinala explicitamente o alocutário por meio de um imperativo. Em *Experimente*, temos um ponto de vista sobre o alocutário:

E9 – Você ainda não provou Clight.

E10 – Você deve experimentá-lo.

Sobre esses enunciadores, podemos dizer que o locutor concorda com E9 e se identifica com E10, incitando o alocutário ao consumo do produto.

Finalmente, em *Clight. Escolha o que dá sabor à vida*, associado ao contexto prévio examinado, percebemos os seguintes pontos de vista:

E11 – Se você escolher Clight, terá menos trabalho e mais tempo.

E12 – Com mais tempo e menos trabalho a sua vida terá mais sabor.

E13 – Você deve escolher Clight.

O locutor dá a sua aprovação a E11 e a E12 e identifica-se com E13, demonstrando o objetivo que tem em relação a seu alocutário, isto é, que venha a consumir Clight.

Nesse sentido, podemos descrever o alocutário construído pelo locutor desta forma: o alocutário é você, consumidor, que não tem tempo suficiente, que precisa de mais tempo para descanso, que pensa que para desfrutar de coisas boas precisa passar trabalho, porque ainda não experimentou Clight, mas que deve experimentá-lo, para desfrutar das coisas boas sem passar trabalho.

4.2.2 Análise 2

REAJUSTE SALARIAL

CARTA DO PRESIDENTE DO CLUBE MILITAR AO Exmo Sr JOSÉ ALENCAR GOMES DA SILVA

Rio de Janeiro, 6 de julho de 2005

Exmo Sr José Alencar Gomes da Silva
Vice-Presidente da República Federativa do Brasil e Ministro da Defesa

Temos acompanhado com muita atenção e interesse todo o seu esforço e empenho no sentido de obter do governo os 23% de reajuste salarial (não aumento de vencimentos) prometidos pelo Presidente Luiz Inácio Lula da Silva e, por razões difíceis de entender, não foram até o momento honrados, gerando uma desnecessária e justificada insatisfação das Forças Armadas e um enorme desgaste político já que parcela expressiva da sociedade brasileira julga merecido e necessário o pleito dos militares da ativa e da reserva e das suas pensionistas.

Somos sabedores que o governo federal pretende apenas conceder um mísero reajuste de 13%, ofertando como complemento um discutível abono salarial, uniforme para todos os postos e graduações, que não seria estendido aos da reserva e reformados, aplicando-se apenas àqueles que hoje estão na ativa.

Este tratamento diferenciado de menosprezo àqueles que dedicaram longos anos da sua vida ativa à Pátria é um deboche, uma desatenção injustificada, uma falta de sensibilidade política e humana que haverá de ser rejeitada, refutada, com pejo e vergonha, por aqueles que hoje detêm o comando e a responsabilidade pelas Forças Armadas, como V Exa e os Comandantes de Força.

Os laços de camaradagem e lealdade que mantêm unidos ativa e reserva não haverão de permitir que tamanha ignomínia seja perpetrada.

Cordialmente,

General de Exército LUIZ GONZAGA SCHROEDER LESSA
Presidente do clube Militar

Nessa carta, retirada do *site* www.clubemilitar.com.br, observamos um alocutário específico, pontualmente identificado: o então Vice-Presidente da República Federativa do Brasil e Ministro da Defesa José de Alencar Gomes da Silva. Como se trata do gênero “carta pessoal”, é natural que o *tu* seja especificado no início do discurso por meio de um substantivo próprio. Porém, além do substantivo, o alocutário é também apresentado mediante o uso do pronome de tratamento “Exmo Sr.”, que equivale a V. Ex.^a (Vossa Excelência). Examinado o contexto, podemos dizer que o emprego dessa forma equivale ao uso prescrito pelas gramáticas normativas, ou seja, forma empregada para “altas autoridades do governo e oficiais gerais das Forças Armadas”⁶ (Cunha e Cintra, 2001, p. 290). Podemos acrescentar, ainda, que o locutor, embora autoridade (General do Exército), se dirige ao alocutário mantendo com ele uma relação de respeito, dada a sua posição superior nas hierarquias de autoridade.

No início de seu discurso, o locutor demonstra uma opinião positiva de seu alocutário. Em *Temos acompanhado com muita atenção e interesse todo o seu esforço e empenho no sentido de obter do governo os 23% de reajuste salarial*, observamos os seguintes pontos de vista do locutor sobre o alocutário:

E1 – O Exmo. Sr. tem-se dedicado para obter um reajuste salarial de 23% para os militares.

E2 – O Exmo Sr. tem perseverado para obter um reajuste salarial de 23% para os militares.

Nesse enunciado, observamos que o locutor se identifica com E1 e E2, demonstrando uma atitude de confiança para com seu alocutário. Assim, inicialmente, o alocutário é construído como um colaborador, alguém que está em favor dos militares e que, por isso, corresponde às expectativas do locutor.

À continuação, o locutor ressalta, entre parênteses, a expressão *não aumento de vencimentos*, que complementa a expressão *reajuste salarial*. Por meio daquela expressão, o locutor chama a atenção para um fato que, em princípio, seria desnecessário mencionar a alguém de confiança que está se esforçando e se

⁶ Apesar de aludirmos à abordagem gramatical normativa, devemos destacar que não encontramos “Exmo” nas gramáticas de Cunha e Cintra (2001), de Cegalla (2002), nem de Bechara (2004). Ao indicar a forma a ser empregada para o tratamento com altas autoridades, essas gramáticas fazem referência à forma “V. Ex.^ª” (Vossa Excelência).

empenhando para obter o reajuste salarial. Assim sendo, podemos propor que pelo uso dessa expressão percebemos que o locutor prevê um possível ponto de vista implícito, atribuído não apenas a terceiros (Lula) como também ao alocutário:

E3 – Os militares querem aumento de vencimentos.

O locutor não se identifica com esse ponto de vista. Ao contrário, ele o assimila a terceiros (Lula) e, indiretamente, a seu alocutário. Esse ponto de vista é rejeitado pelo locutor, e esse rechaço inaugura uma série de atitudes do locutor de persuadir o seu alocutário a continuar perseverando para conseguir o reajuste salarial para os militares. Essa tentativa de persuasão, que se repetirá em outros momentos, revela que a relação *eu x tu* não é de tanta confiança quanto o locutor simulou no início de seu discurso.

Combinando-se a seqüência *Temos acompanhado com muita atenção e interesse todo o seu esforço e empenho no sentido de obter do governo os 23% de reajuste salarial (não aumento de vencimentos) com prometidos pelo Presidente Luiz Inácio Lula da Silva e, por razões difíceis de entender, não foram até o momento honrados (...) o pleito dos militares da ativa e da reserva e das suas pensionistas*, percebemos a incursão de dois outros pontos de vista que aludem ao alocutário:

E3 – Apesar de seu esforço e empenho, Lula não deu o reajuste.

E4 – Lula não atendeu ao seu pedido.

Podemos dizer que o locutor apresenta E3 e se identifica com E4. Dessa identificação, inferimos que o locutor apresenta o seu alocutário como alguém que deveria receber atenção do Presidente, mas que não está recebendo. Em outras palavras, a própria autoridade do Vice-Presidente da República, bem como o seu papel são questionados. Com isso, o locutor demonstra pretender persuadir o alocutário a atuar mais ativamente e a perseverar em defesa da causa dos militares.

Posteriormente, em *Somos sabedores que o governo federal pretende apenas conceder um mísero reajuste de 13%, ofertando como complemento um discutível abono salarial, (...) apenas àqueles que hoje estão na ativa*, observamos que o locutor atribui a responsabilidade do reajuste ao “governo federal” e não

apenas ao Presidente. Sendo assim, o locutor consegue imputar parte da responsabilidade ao seu alocutário. Vejamos os enunciadores:

E5 – O governo federal pretende conceder apenas 13% de reajuste.

E6 – O Senhor faz parte do governo federal.

E7 – O Senhor também pretende conceder apenas 13% de reajuste.

O locutor apresenta E5, E6 e E7. Ele não se identifica com esses enunciadores, não se responsabiliza por eles, evitando um conflito com uma autoridade superior, mas, ao mesmo tempo, garante que seu ponto de vista apareça.

Em momento seguinte, esse ponto de vista é reforçado. Em *Este tratamento diferenciado de menosprezo (...) uma falta de sensibilidade política e humana que haverá de ser rejeitada, refutada, com pejo e vergonha, por aqueles que hoje detêm o comando e a responsabilidade pelas Forças Armadas, como V Exa e os Comandantes de Força*, o locutor manifesta estes pontos de vista sobre seu alocutário:

E8 – O Senhor não está rejeitando esse tratamento de menosprezo.

E9 – O Senhor deverá rejeitar esse tratamento de menosprezo.

O locutor apresenta E8 e identifica-se com E9, revelando sua insatisfação não apenas com o Presidente, mas também com o Vice e atribuindo menos timidamente parte da responsabilidade a seu alocutário. Com isso, demonstra querer constranger o *tu* a despender forças em favor da causa dos militares.

Finalmente, em *Os laços de camaradagem e lealdade que mantêm unidos ativa e reserva não haverão de permitir que tamanha ignomínia seja perpetrada*, percebemos outro ponto de vista que contribui para a coação do alocutário:

E10 – Os militares tomarão alguma atitude caso os governantes não a tomem.

Podemos dizer que o locutor se identifica com E10. Esse ponto de vista com o qual o locutor se identifica pode ser interpretado como uma intenção de influenciar o

alocutário a agir de determinada forma. Seria uma ameaça? Independentemente de ser ou não uma ameaça, o fato é que esta análise permite inferir que os pontos de vista usados para agir sobre o *tu* contribuem para a construção do alocutário no discurso do locutor. Esse aspecto será retomado posteriormente, quando das considerações parciais.

Antes de encerrar esta análise, é interessante evidenciarmos como o locutor vai “desconstruindo” gradativamente a relação de confiança com seu alocutário, instaurada no início do discurso. Com essa estratégia, ele consegue simular que acredita no empenho do *tu*, mas, aos poucos, revela qual é a sua verdadeira opinião. Consegue, igualmente, coagir um alocutário politicamente superior a ele a trabalhar em seu favor, sem ferir o tratamento respeitoso desejável quando se tratam de relações hierárquicas. Em outros termos, o locutor demonstra a habilidade de “não dizer dizendo”.

Dito isso, podemos propor que o alocutário desse discurso é construído assim: o Exmo Sr, Vice-Presidente da República Federativa do Brasil, pessoa a ser respeitada, que está “em favor dos militares”, empenhou-se para conseguir um reajuste de 23%, não foi ouvido pelo Presidente e, por isso, está desistindo e não está se esforçando o suficiente, mas com a autoridade que tem não pode desistir e deve assumir o seu papel para evitar problemas futuros.

4.2.3 Análise 3

Por que a Juliana Paes está novamente na capa? Todo mundo sabe que ela está em ótima forma e tem uma rotina saudável. Existem outros bons exemplos que ainda não saíram na revista.

L. N. W. São José dos Campos, São Paulo

Revista *Boa forma*, abril de 2006, p. 18.

Esse discurso foi extraído da seção *Sua opinião sobre Boa Forma*, que é destinada à publicação de cartas que os leitores enviam aos editores para tecer algum comentário sobre as reportagens da revista. Assim, temos, como alocutário da carta, os editores (Aloc. 1), mas também os leitores da revista (Aloc. 2). Esses alocutários estão explicitados na superfície do texto pela expressão *todo mundo*, que, no contexto, tem valor de primeira pessoa do plural *nós*. Revisando Fiorin (2002), não encontramos nenhuma explicação sobre o sentido desse tipo de neutralização. Os comentários do autor restringem-se a aspectos mórficos. Contudo, pela análise dos pontos de vista, cremos poder explicar o sentido dessa substituição da primeira pela terceira pessoa do plural.

Em *Por que a Juliana Paes está novamente na capa?* observamos que a pergunta se dirige especificamente ao alocutário “editor”. Seguindo Donaire, podemos dizer que, nesse enunciado, há dois pontos de vista sobrepostos:

E1 – A Juliana Paes está novamente na capa.

E2 – A Juliana Paes não deveria estar novamente na capa.

O locutor concorda com E1 e identifica-se com E2. Associando-se esse enunciado com *Todo mundo sabe que ela está em ótima forma e tem uma rotina saudável* e com *existem outros bons exemplos que ainda não saíram na revista*, percebemos uma crítica ao alocutário “editor”, manifestada pelos seguintes pontos de vista:

- E1 – A Juliana Paes está novamente na capa.
- E2 – A Juliana Paes não deveria estar novamente na capa.
- E3 – A Juliana Paes está em ótima forma e tem uma rotina saudável.
- E4 – Não há novidade em relação à Juliana Paes.
- E5 – A novidade seria trazer outros bons exemplos.
- E6 – O alocutário “editor” errou ao trazer novamente Juliana Paes.

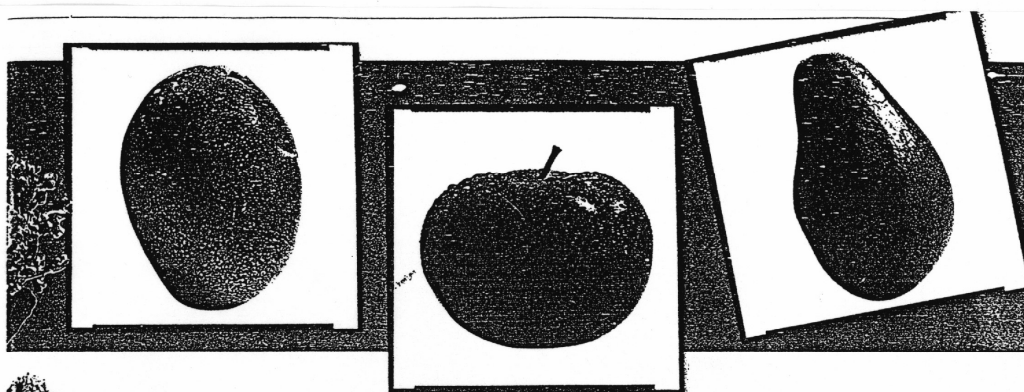
O locutor concorda com E1, E3, E4, E5 e identifica-se com E2 e E6. Além de concordar com E3, o locutor assimila esse enunciador com o alocutário “editor” e com o alocutário “leitor”. Estes, inclusive, somente são percebidos pelo processo de assimilação.

O locutor assimila E3 a si, ao Aloc. 1, ao Aloc. 2 e a terceiros. Isso é garantido pela expressão *todo mundo*. O uso de *nós* poderia deixar o alocutário “editor” fora do grupo ao qual o ponto de vista foi assimilado. Lembremos, com Benveniste, que o plural da primeira pessoa pode ser inclusivo (eu + tu) ou exclusivo (eu + eles). O uso de *todo mundo* anula a ambigüidade que poderia surgir entre a inclusão ou não do *tu* editor no processo de assimilação. A polifonia presente na expressão *todo mundo* permite a interpretação de que se trata de *eu + tu* editor + *tu* leitor + terceiros.

Ao concordar com E4 e E5 e assimilar E3 ao alocutário “editor”, o locutor consegue reforçar a sua crítica à revista. Ora, a própria edição é apresentada como sabedora do fato de que não havia novidade em colocar Juliana Paes na capa. Ao assimilar E3 ao alocutário “leitor” e a terceiros, o locutor garante que a sua crítica é pertinente, visto que não se trata de uma opinião isolada.

Efetivamente, Aloc 1 é construído como o(s) editor(es) da revista, que optou por colocar novamente Juliana Paes na capa da revista, em lugar de outros bons exemplos, sabendo que não havia novidade nessa atitude e, por isso, agiu mal. Quanto ao Aloc 2, ele é construído pelo locutor como os leitores, aqueles que compartilham da opinião do *eu* e já sabem que Juliana Paes está em ótima forma e tem uma rotina saudável.

4.2.4 Análise 4



Wocê já cansou de ouvir falar que comer frutas, verduras e legumes faz bem para a saúde. Mas sabia que entre todos esses alimentos considerados saudáveis, alguns são ainda mais potentes, pois contêm substâncias capazes de prevenir doenças? São os chamados alimentos funcionais, definidos como "alimento semelhante aos convencionais em aparência, que, além de satisfazer os requerimentos nutricionais, produzem benefícios específicos à saúde, à capacidade física e mental". Estão nes-

sa categoria diversos vegetais, como brócolis, tomate, cebola, uva e maçã (veja quadros nas páginas seguintes).

Saber que eles contêm substâncias que, quando ingeridas regularmente, podem reduzir o risco do desenvolvimento de diversos problemas de saúde, como câncer, colesterol e pressão alta, problemas intestinais, entre outros, pode ser um bom motivo para incluí-los diariamente na dieta, e não somente quando você resolve fazer regime. É justamente isso o que já estão fazendo 44% dos consumidores brasileiros, que sempre escolhem

seus alimentos com base na relação que eles têm com a saúde. Segundo uma pesquisa encomendada pela Solae Company e divulgada em fevereiro, as principais razões pela busca de alimentos saudáveis entre os brasileiros são a preocupação com o estado de saúde no futuro e os benefícios diários que a alimentação correta pode oferecer.

Pesquisa semelhante realizada nos Estados Unidos mostrou que 95% da população desse país acredita que os alimentos podem trazer benefícios à saúde e ajudar a combater doenças.

Nessa reportagem, extraída da Revista *Galileu* (abril de 2005, p. 29) observamos que o locutor assinala o seu alocutário na superfície discursiva por meio do pronome pessoal *você* e dos verbos de terceira pessoa. Esse recurso comum em discursos desse gênero permite uma maior aproximação entre locutor e alocutário.

Desde o início, o locutor chama o seu alocutário à interação. Nesse chamamento, atribui ao alocutário estes pontos de vista:

E1 – Ouvi repetidas vezes que comer frutas, verduras e legumes faz bem para a saúde.

E2 – Não quero mais ouvir sobre o benefício para a saúde de se comer frutas, verduras e legumes.

E3 – Já sei que comer frutas, verduras e legumes faz bem para a saúde.

Ao assimilar esses pontos de vista ao *tu*, o locutor prepara o seu alocutário para o fato de que o assunto pode interessar-lhe, de que não vai ouvir as mesmas histórias a que já está acostumado. Em outras palavras, o locutor demonstra que compreende que o seu alocutário já dispõe desse tipo de informação e não vai incomodá-lo reforçando o óbvio. Esse recurso evita o desinteresse imediato por seu discurso.

Esse enunciado, associado a *Mas sabia que entre todos esses alimentos considerados saudáveis, alguns são ainda mais potentes, pois contêm substâncias capazes de prevenir doenças?*, reitera que o locutor tem algo novo a dizer a seu alocutário. Nesse sentido, o *tu* é construído como não conhecedor de que existem graus no potencial benéfico de diferentes alimentos. Essa construção é dada pela sobreposição de pontos de vista imposta pela interrogação. Formalizemos:

E4 – Entre todos esses alimentos considerados saudáveis, alguns são mais potentes, pois contêm substâncias capazes de prevenir doenças.

E5 – Você pode não saber que entre todos esses alimentos considerados saudáveis alguns são mais potentes, pois contêm substâncias capazes de prevenir doenças.

O locutor apresenta E4 e identifica-se com E5, ressaltando a novidade do seu discurso e, com isso, garantindo a sua leitura por quem desconhece o fato.

Em seguida, no enunciado *Saber que eles contêm substâncias que, quando ingeridas regularmente, podem reduzir o risco do desenvolvimento de diversos problemas de saúde, como câncer, colesterol e pressão alta, problemas intestinais, entre outros, pode ser um bom motivo para incluí-los diariamente na dieta, e não somente quando você resolve fazer regime*, o locutor, outra vez, apresenta o seu alocutário como desconhecedor do assunto abordado em seu discurso. Ou seja, sua enunciação não é dirigida a estudiosos da área, mas a leigos. Afora isso, o locutor deixa aparecer outros pontos de vista sobre seu alocutário. Vejamos:

E6 – Você não come brócolis, tomate, cebola, uva e maçã diariamente.

E7 – Você faz regime.

E8 – Você só consome esses alimentos quando faz regime.

Apresentando E6 e E7 e identificando-se com E8, o locutor desenha com mais precisão o seu alocutário e acaba por excluir outros tipos de leitores, quais sejam, os que comem esses alimentos regularmente e os que não fazem regime.

O enunciado *É justamente isso o que já estão fazendo 44% dos consumidores brasileiros, que sempre escolhem seus alimentos com base na relação que eles têm com a saúde*, associado ao contexto anterior, permite afirmar que o locutor especifica o seu alocutário desta forma:

E9 – Você é um brasileiro entre os 56% dos brasileiros que não escolhem seus alimentos com base na relação que eles têm com a saúde.

O locutor é apresentado, nesse discurso, como se identificando com E9 e, dessa forma, delimita bem o tipo de alocutário que pressupõe.

Em síntese, o alocutário desse discurso é você, que já sabe do benefício que o consumo de frutas, verduras e legumes para a saúde, mas desconhece o fato de que o brócolis, o tomate, a cebola, a uva e a maçã são ainda mais potentes e que, por esse desconhecimento, só inclui esses alimentos em sua dieta quando faz regime, não fazendo parte dos 44% dos brasileiros que escolhem seus alimentos com base na relação que eles têm com a saúde.

4.2.5 Análise 5

OPINIÃO ZH

*Chuva
de arroz*

Preocupados em chamar a atenção para os baixos preços do produto, que atribuem basicamente às importações do Mercosul, os orizicultores gaúchos recorreram até mesmo a uma chuva de arroz em cascã em Bagé, valendo-se de quatro aviões. O recurso a essa medida extrema num país de tanta fome não escapou das críticas. Chamou a atenção, porém, para as dificuldades enfrentadas pelos orizicultores. Por isso, é importante que as reivindicações sejam encaradas como prioridade pelo governo federal, até mesmo pela necessidade de o Estado compensar os prejuízos da seca.

Nesse texto de opinião do leitor, extraído do jornal Zero Hora (19/05/2005), não encontramos um alocutário assinalado explicitamente. No entanto, acreditamos poder descobri-lo mediante a instância implícita do ponto de vista que vimos defendendo.

Em *Preocupados em chamar a atenção para os baixos preços do produto, que atribuem basicamente às importações do Mercosul (...) valendo-se de quatro aviões*, não encontramos elementos léxicos, frásticos ou enunciativos que impusessem pontos de vista alusivos ao alocutário. Contudo, combinando esse enunciado com *O recurso a essa medida extrema num país de tanta fome não escapou das críticas*, podemos perceber que o locutor põe em cena este enunciador:

E1 – Os orizicultores gaúchos agiram inadequadamente ao promoverem uma chuva de arroz em um país de tanta fome.

O locutor não rechaça, nem se identifica com o ponto de vista desse enunciador. O locutor, na verdade, apresenta esse enunciador assimilando-o possivelmente ao alocutário e a terceiros. Pelo enunciado em questão, podemos perceber que o locutor projeta um possível leitor que esteja em conformidade com

as críticas existentes. Tendo isso em vista, compete-lhe valer-se de estratégias persuasivas para aproximar o *tu* de seu posicionamento.

Para persuadir o *tu*, o locutor posiciona-se anunciando pontos de vista que, em certa medida, defendem os orizicultores gaúchos. Essa posição nos remete à construção de um alocutário possivelmente contrário às ações dos orizicultores, mas que não está percebendo o outro lado, o das dificuldades enfrentadas por eles por causa da seca e o do descaso do governo federal para com as reivindicações desses gaúchos. Nesse sentido, podemos perceber, uma vez mais, que existem pontos de vista defendidos pelo locutor que objetivam persuadir o alocutário e, mediante o tipo de persuasão, evidenciam o alocutário que o locutor construiu:

E2 – *Tu* pode estar contra a ação dos orizicultores.

E3 – *Tu* precisa ver o lado dos orizicultores.

Ambos os pontos de vista têm o alocutário como conteúdo, isto é, argumentam sobre o alocutário⁷. O locutor apresenta E2 e identifica-se com E3, revelando as intenções de sua enunciação.

Outrossim, dados os poucos pontos de vista alusivos ao alocutário no discurso em análise, sentimo-nos impelidos a considerar a existência de graus variáveis de pontos de vista utilizados para a construção do alocutário que são recuperáveis pelo discurso. Retomaremos essa discussão posteriormente, nas considerações parciais.

Com efeito, podemos dizer que o alocutário desse discurso é construído pela argumentação do locutor desta forma: leitores em geral que aderiram às críticas aos orizicultores gaúchos, mas que precisam rever seu posicionamento porque não estão percebendo o descaso do governo para com as reivindicações desses trabalhadores.

⁷ Lembremos que os enunciadores são argumentadores.

4.2.6 Análise 6

MUITA GENTE
ANUNCIA O FIM
DA GORDURA TRANS
COMO SE FOSSE
GRANDE NOVIDADE.
NÓS FAZEMOS ISSO
DESDE 1999.




Hoje, mais e mais empresas estão decidindo eliminar a gordura trans de seus produtos. Uma iniciativa louvável, que visa preservar a saúde de seus consumidores. O que talvez seja novidade para uns, para a Elma Chips é realidade desde 1999. Isso mesmo. Desde o século passado, nossos salgadinhos têm 0% de gordura trans. Claro que salgadinhos, como tudo nessa vida, devem ser consumidos sem exageros. Mas é sempre bom que o consumidor saiba do nosso respeito e preocupação com a sua saúde. E que isso não é de hoje.




 O MELHOR DO BRASIL
 O BRASILEIRO

O melhor do Brasil é o brasileiro. Presente de obra de Câmara Cozida.

Elma Chips é uma divisão da  PEPSICO

A propaganda em análise é da empresa Elma Chips e foi extraída da Revista Veja de 11 de maio de 2005. Como qualquer texto do gênero propaganda, esse se caracteriza pela presença de um *eu* duplo e de um *tu* coletivo que não intervém diretamente na elaboração do enunciado. O *eu* é duplo porque há um *eu* publicitário (ou uma equipe publicitária) que representa o *eu* empresa. Nesse sentido, o *eu* publicitário não fala de si, mas de outro, em lugar desse outro. O *tu* é coletivo, uma vez que não se dirige a uma pessoa em especial, mas a um grupo. Esse grupo é um público determinado: nesse caso, os leitores da revista Veja.

No discurso, o *eu* publicitário é apagado, dando voz apenas ao *eu* empresa, que é o locutor a ser referido, marcado explicitamente pelo pronome reto “nós” em *nós fazemos isso desde 1999* e pelos possessivos “nossos” e “nosso” em *Desde o século passado nossos salgadinhos têm 0% de gordura trans* e em *Mas é sempre bom que o consumidor saiba do nosso respeito e preocupação com a sua saúde*, respectivamente.

O *tu* leitor da Veja não é assinalado lingüisticamente, de forma explícita. O *tu* aludido é o consumidor dos salgadinhos da Elma Chips. Ele é explicitado pelo grupo nominal “o consumidor” e pelo possessivo “sua”, no enunciado *Mas é sempre bom que o consumidor saiba do nosso respeito e preocupação com a sua saúde*. Assim, *o consumidor* significa *tu*. Essa substituição da segunda pessoa por um substantivo é um indicativo do lugar que *eu* atribui a *tu*.

Como vimos, Fiorin (2002) diz que o uso de um substantivo em lugar do pronome indica que o locutor excluiu o outro da troca lingüística para lhe dar lugar especial, não instituído pelo *eu*. Maingueneau (1981) afirma que o uso da não-pessoa em lugar da segunda, acompanhado do apagamento do *eu*, constitui a marca lingüística de extremo respeito: o enunciador⁸ exclui-se a si mesmo da reciprocidade da troca lingüística a fim de negar a comensurabilidade com a pessoa a quem se dirige. Benveniste (1995) apregoa que a utilização da terceira pessoa em lugar da segunda pode indicar formas de tratamentos opostos, tanto reverência quanto desprezo.

No entanto, como dissemos, apenas o contexto enunciativo pode precisar o lugar que o locutor atribui a seu interlocutor. Nessa propaganda, associando-se as seqüências *que o consumidor saiba com nosso respeito* e com *preocupação com a*

⁸ A noção “enunciador”, em Maingueneau (1981), não tem a mesma acepção que empregamos em nosso trabalho.

sua saúde, podemos destacar os seguintes enunciadores, que caracterizam o ponto de vista do locutor sobre o seu alocutário:

E1 – Você é o consumidor do produto anunciado por *eu*.

E2 – O consumidor tem o respeito do *eu*.

E3 – O consumidor tem a preocupação do *eu*.

E4 – O consumidor pode não conhecer o respeito e a preocupação do *eu*.

E5 – O consumidor precisa saber que *eu* o respeita e se preocupa com ele.

E6 – O consumidor pode comprar com segurança o produto anunciado por *eu*.

Ao pôr em cena esses enunciadores, o locutor assume uma posição de aprovação a E1, E2, E3, E4 e E5 e de identificação com E6. Dessa identificação, decorre que o locutor constrói um alocutário que pode estar alheio ao fato de que o locutor o respeita e se preocupa com ele e, desse modo, um alocutário que pode querer deixar de consumir o seu produto. Além disso, apesar de chamá-lo de “consumidor”, o locutor deixa implícito que esse *tu* pode ser, inclusive, alguém que não consuma ou que tenha deixado de consumir o seu produto por não conhecer o respeito e a preocupação do produtor. Assim, temos um *tu* que precisa conhecer esse respeito e essa preocupação para consumir o produto do *eu*.

Outro comentário que precisa ser feito acerca desses enunciadores é o da relação entre respeito, preocupação e saúde do *tu*. Percebemos que *eu* constrói um *tu* a quem deve respeito, mas não no sentido de hierarquia dos papéis sociais, de reverência ou de submissão a alguém mais bem posicionado socialmente, como alguns estudos sugerem. O respeito, aqui, adquire o sentido de “consideração”: o respeito que o locutor confere ao alocutário não os distancia em valor; ao contrário, pela relação entre *nosso respeito e preocupação* e *Muita gente anuncia o fim da gordura trans como se fosse grande novidade. Nós fazemos isso desde 1999*, o sentido de que *eu* e *tu* são valorizados evidencia-se mais. Vejamos os enunciadores postos em cena a partir dessa relação:

E7 – *Eu* respeita e se preocupa com *tu*.

E8 – Outras pessoas anunciam que têm esse respeito e essa preocupação.

E9 – *Eu* tem esse respeito e essa preocupação antes dos outros.

E10 – *Eu* tem mais respeito e mais preocupação do que os outros.

E11 – *Eu* é melhor e mais confiável do que os outros.

O locutor aprova E8, E9 e E10 e se identifica com E7 e E11. Nesse sentido, a associação entre essas palavras no enunciado eleva a posição do *eu*, no que se refere à confiança. *Eu* representa-se com uma imagem de digno de confiança e também de respeito, uma vez que se preocupa com a saúde do consumidor e há mais tempo. Assim, não apenas o *tu*, mas também o *eu* ganha posição elevada, ambos são valorizados.

Como podemos ver, as escolhas lingüísticas que assinalam explicitamente o *tu*, quando atualizadas no discurso, ampliam a sua significação, configurando o perfil que o *eu* constrói do seu alocutário. Entretanto, como dissemos, há outros indicadores desse perfil que se manifestam implicitamente. O locutor evidencia, no discurso, algumas opiniões possíveis de serem atribuídas ao alocutário. Relacionando-se o enunciado *Nós fazemos isso desde 1999* com a expressão enfática *Isso mesmo*, é reforçada a idéia de que *tu* talvez não conheça o quão generoso é *eu*:

E12 – O consumidor está surpreso com o fato de o locutor anunciar que as gorduras trans foram eliminadas desde 1999.

E13 – O *eu* é melhor do que o *tu* pensava.

Nesse caso, o locutor aprova E12 e identifica-se com E13.

Afora isso, é possível uma outra visualização do alocutário a partir da ausência de predicções explicativas para esclarecer o significado de gorduras trans. Há apenas uma relativa explicativa (*que visa preservar a saúde de seus consumidores*) relacionada à *iniciativa louvável* de as empresas eliminarem a gordura trans de seus produtos, funcionando, portanto, mais como uma forma de enaltecer a atitude do *eu*. Com efeito, pela ausência de exposição a respeito de gorduras trans é possível, também, que *eu* proponha um *tu* que, por se preocupar com a saúde, está atualizado sobre os tipos de gorduras mais maléficas à saúde.

Esse tipo de *tu* construído está fundamentado na tendência atual à valorização da saúde e à evitação das gorduras, em especial, das gorduras mais perigosas, como as trans. Sabemos que os meios de comunicação têm difundido os

riscos que essas gorduras oferecem à saúde. Nesse sentido, o locutor visualiza um alocutário consciente, que recebe esse tipo de informação no seu dia-a-dia e que se importa com a preservação da sua saúde.

Quanto aos pontos de vista atribuídos ao *tu*, a expressão predicativa *claro que* no enunciado *claro que salgadinhos, como tudo nessa vida, devem ser consumidos sem exageros*, antes de revelar uma manifestação do falante de alto grau de adesão ao conteúdo da expressão predicada, como sugere Castilho (1994), revela que *eu* prevê um *tu* que pode estar desconfiado de que *eu* está tentando iludi-lo de que os salgadinhos não prejudicam a saúde, que podem ser consumidos sem preocupação. Isso porque pressupõe que *tu* pode ter o conhecimento prévio de que produtos industrializados fazem mal à saúde, etc. Já dissemos que a relação *eu-tu* está marcada pela possibilidade de resposta do *tu*. Como não há uma resposta pontual do *tu*, o *eu* pressupõe livremente⁹ quais são os pontos de vista do *tu* e o tipo de resposta que o *tu* poderia lhe dar segundo esse ponto de vista. Vejamos os enunciadores atribuídos ao *tu*:

E14 – Independentemente de os salgadinhos não possuírem gorduras trans, eles devem ser evitados, porque assim mesmo fazem mal à saúde.

E15 – O locutor quer enganar-me para induzir-me à compra.

No enunciado em questão, percebemos que o enunciador E15 é rechaçado pelo locutor. Aparentemente, esse enunciado poderia estar revelando que o *eu* se identifica com E14, ou seja, que reconhece que os salgadinhos são prejudiciais à saúde. Porém, há, nesse enunciado, uma expressão comparativa intercalada, a saber, *como tudo nessa vida*, que propõe um terceiro enunciador, com o qual o locutor efetivamente se identifica: “os salgadinhos não são tão prejudiciais quanto o *tu* pode estar pensando”. Esse tipo de predicação altera o sentido antes proposto porque nivela os salgadinhos a qualquer outra coisa, descaracterizando-os como algo mais prejudicial. Dessa forma, o locutor consegue configurar a resposta esperada do *tu*, qual seja, o consumo do produto do *eu*.

Com efeito, nesse discurso, de um modo geral, encontramos enunciadores que expressam um valor imperativo negativo (Não deixe de consumir os salgadinhos

⁹ Relembremos que, aqui, “livremente” significa “sem interferência direta do alocutário”.

da Elma Chips pensando que eles fazem mal à saúde) e um valor imperativo afirmativo (Consuma salgadinhos Elma Chips sem preocupação com a gordura trans).

Ademais, encontramos enunciadores que revelam um *tu* que deve preferir a Elma Chips às demais marcas de salgadinhos. Isso ficou evidente pela relação comparativa inicial entre *Muita gente anuncia o fim da gordura trans como se fosse grande novidade e nós fazemos isso desde 1999*. A expressão temporal *desde 1999* não está funcionando apenas como um circunstancial que visa situar o alocutário no tempo; antes, revela uma preocupação com o *tu*, que deve optar pela Elma Chips. Essa expressão temporal é um diferencial entre a Elma Chips e as demais empresas. Estas somente na atualidade estão eliminando a gordura trans, enquanto a Elma Chips já o faz há mais tempo e, por conseguinte, demonstra mais preocupação com o seu consumidor. Afora isso, o adjetivo *louvável* em *Uma iniciativa louvável* relacionado a *realidade desde 1999* apresenta um enunciador que diz “A iniciativa da Elma Chips é mais louvável, porque é louvável há mais tempo”. Assim, a resposta esperada é a de que ela seja preferida pelo consumidor na hora da escolha dos salgadinhos.

Em síntese, pela argumentação do locutor percebemos que o alocutário nessa propaganda é o consumidor que merece respeito, preocupa-se com a sua saúde, conhece e evita as gorduras trans, não sabe que os salgadinhos da Elma Chips não possuem gorduras trans (e há mais tempo que as demais empresas) e, por causa disso, pode estar evitando ou não consumindo esses salgadinhos, mas que deve consumi-los e priorizá-los em relação aos das demais empresas.

4.2.7 Análise 7

DINHEIRO – O presidente Lula está convencido de que o sr. (sic.) torce pelo fracasso do governo. Confere?

FERNANDO HENRIQUE CARDOSO – Não, eu torço pelo Brasil. Minha decepção com o presidente Lula é porque ele está fazendo um governo muito mais de fachada do que de realizações. Muito mais de publicidade do que de conteúdo. Eu imaginava que o governo dele viesse a ter alguma orientação consistente. Mas isso não existe.

Revista *Dinheiro* (22/12/2004, p. 30)

Nessa entrevista, a análise do alocutário pode ser complexificada. Notamos o desdobramento dos níveis da enunciação. Disso resulta que há diferentes relações *eu x tu* e, portanto, diferentes análises do alocutário. Em um primeiro nível, temos uma relação entre o locutor assinalado como “Dinheiro”, o representante da revista, e o alocutário “Fernando Henrique Cardoso”, doravante FHC. Ainda no primeiro nível, temos uma troca de lugar do *eu* e do *tu*, uma inversibilidade em termos benvenistianos: o locutor passa a ser FHC, e o alocutário, “Dinheiro”. Aqui importa, prioritariamente, que o locutor enuncie como redarguição às perguntas levantadas pelo alocutário. Como podemos ver, nesse nível, locutor e alocutário são exclusivos. No segundo nível, temos um outro tipo de alocutário, já não exclusivo, senão coletivo: os leitores da Revista Dinheiro. Com isso, percebemos que os enunciados proferidos por FHC em forma de respostas não visam tão-somente a atingir o alocutário entrevistador. Há um alocutário futuro, que não poderá intervir pontualmente na fala do locutor, porque não tem acesso direto à entrevista, mas que se sabe estar presente, de maneira que também deverá estar assinalado no discurso.

Analisando o primeiro nível da enunciação, temos dois alocutários diferentes: FHC e “Dinheiro”. Vejamos o primeiro.

Em *O presidente Lula está convencido de que o sr. (sic.) torce pelo fracasso do governo*, temos o alocutário assinalado formalmente pelo pronome de tratamento “o senhor”. Tendo em vista o enunciado como um todo, podemos dizer que, nesse

caso, o uso do pronome coincide com a acepção tradicionalmente proposta pelas gramáticas, qual seja, a de tratamento respeitoso. Quanto ao ponto de vista sobre o alocutário expresso nesse enunciado, temos:

E1 – O senhor torce pelo fracasso do governo.

O locutor não se identifica com esse enunciador, ao contrário, ele atribui esse ponto de vista a um enunciador assimilado a terceiros (o presidente Lula). Pela assimilação, podemos dizer que não é essa a construção que o locutor pretende dar a seu alocutário. Na verdade, como veremos, a apresentação desse ponto de vista coopera para uma construção inversa a esse enunciador, isto é, coopera para que o alocutário seja construído como alguém que torce pelo sucesso do País.

Esse pensamento fica evidente quando, após a afirmativa, o locutor enuncia a pergunta *Confere?* Por essa pergunta, seguindo Donaire (1998), há dois pontos de vista sobrepostos, um que assevera que FHC torce pelo fracasso do Brasil, e outro que põe em dúvida essa afirmação. Assim, o locutor não só dá a oportunidade de o alocutário vir a se defender, opondo-se ao que fora dito por um terceiro, como também já expressa um ponto de vista sobre o seu alocutário, o de que ele pode não torcer pelo fracasso do País. Formalizemos:

E1 – O senhor torce pelo fracasso do governo.

E2 – É possível que o senhor não torça pelo fracasso do governo.

O locutor rechaça E1, que é assimilado a terceiros, no caso, ao presidente Lula, e identifica-se com E2.

Quando FHC torna-se locutor, ele responde especificamente à questão levantada por seu alocutário, “Dinheiro”. Sua resposta negativa revela um acordo para com o seu alocutário, no que se refere ao dito de Lula, da inverdade da afirmação do Presidente. No entanto, podemos observar que o locutor FHC diz muito mais do que lhe fora perguntado. Nesse momento, fica manifesto, conforme veremos, um terceiro alocutário, menos evidente.

Em *Não. Eu torço pelo Brasil*, temos os seguintes pontos de vista:

E3 – Eu não torço pelo fracasso do País.

E4 – Eu torço pelo sucesso do Brasil.

O locutor FHC concorda com E3 e identifica-se com E4. Por esses pontos de vista, podemos observar a necessidade de eu redargüir explicando-se diante de um *tu* que não é apenas o alocutário “Dinheiro”. A ênfase no Brasil mostra a preocupação com um outro alocutário, aquele constituído pelos brasileiros. Desse modo, o locutor não se defende apenas contra uma acusação de Lula, mas também se defende diante dos brasileiros em geral.

Esse posicionamento continua em *Minha decepção com o presidente Lula é porque ele está fazendo um governo muito mais de fachada do que de realizações. Muito mais de publicidade do que de conteúdo. Eu imaginava que o governo dele viesse a ter alguma orientação consistente. Mas isso não existe.* Nesses enunciados, emergem vários pontos de vista de autodefesa e de acusação contra Lula. Para simplificar, podemos resumir esses pontos de vista em:

E5 – Lula não faz um bom governo.

Nesse caso, só é possível afirmar que o locutor se identifica com E5. Não há em E5, como nos outros enunciadores, evidências nem de um ponto de vista cuja natureza seja o alocutário, nem de um ponto de vista assimilado ao alocutário, o que pode nos levar a cogitar a hipótese de que nesse enunciador o alocutário não pode ser resgatado. No entanto, existe uma intenção de que o alocutário leitor da revista venha a se identificar com esse ponto de vista. Ora, Ducrot (1988) diz que o homem age sobre o interlocutor objetivando influenciá-lo e, por isso, o fim básico do discurso é a argumentação. Dessa forma, podemos sugerir que o locutor se identifica com E5 para que o seu alocutário venha a assumir esse ponto de vista. Com isso, dessa identificação podemos extrair outro ponto de vista:

E6 – *Tu* deve entender que Lula não faz um bom governo.

Evidentemente, os locutores identificam-se com E6, que é o objetivo de sua enunciação. É interessante notar o fato de que, no discurso estudado, tanto os enunciados do locutor “Dinheiro”, quanto os do locutor FHC estão organizados em defesa de FHC e contra Lula. Assim, E5 e E6 podem ser assimilados ao locutor FHC

e ao locutor “Dinheiro” e, por que não dizer, deverá posteriormente ser assimilado ao alocutário do segundo nível enunciativo. Talvez isso se deva ao fato de que o locutor “Dinheiro” pode estar assimilando E1 (O senhor torce pelo fracasso do Brasil) não só a terceiros (Lula), como também ao alocutário (povo brasileiro). Se também está assimilando esse ponto de vista ao alocutário “povo brasileiro”, é coerente, dada a sua posição favorável a FHC, que queira persuadir esse alocutário a mudar de opinião. Com efeito, a partir dessa análise, podemos sugerir que, por meio da instauração dos pontos de vista e das relações de assimilação, o locutor argumenta sobre o alocutário, construindo-o. Então, devemos concluir que o locutor constrói o alocutário pela sua argumentação.

Para resumir esta análise, dizemos que há três alocutários no discurso da Revista Dinheiro. O primeiro, FHC, é construído com mais formalidade e com um tratamento respeitoso. É construído, ainda, como alguém que está sendo falsamente acusado e que deve ter a oportunidade de se defender. O segundo, “Dinheiro”, é construído como alguém a quem o locutor deve resposta e com quem compartilha do pensamento de que o que o presidente Lula diz não é verdade. O terceiro, os leitores da revista, é construído como os brasileiros, que podem acreditar no desejo de FHC pelo fracasso do governo, mas que devem entender que FHC, na verdade, torce pelo Brasil e que Lula não faz um bom governo.

4.2.8 Análise 8

OPINIÃO

CORREIO DO POVO

Uma iniciativa louvável

Concretiza-se, enfim, a primeira parte de velha aspiração dos porto-alegrenses com vistas à segurança pública na Capital: a preparação da Guarda Municipal para atuar no policiamento como linha auxiliar das forças policiais tradicionais. Esse encargo tem, naturalmente, que ser precedido de preparação adequada do pessoal. Será missão muito mais importante e perigosa do que a que teve a Guarda até aqui: a vigilância da conservação de praças, jardins e monumentos públicos. Agora, na medida em que forem sendo recriados, os guardas municipais passarão a ter missão policial, mesmo que limitada.

Inicialmente, serão lançados no novo cometimento os 26 agentes que terminaram o curso preparatório. Continuarão em serviço nas praças, nos parques, em torno de monumentos públicos, locais mais afetados por ações de malfetores e vândalos. Por enquanto, é insignificante o acréscimo, mas irá aumentando na medida em que novos alunos completarem o curso. Vinte e cinco novos guardas já começaram o aprendizado, formando a segunda turma, e assim acontecerá até que os quase 600 membros da GM estejam em condições de desempenho da nova atividade. Trata-se de iniciativa de merecimento evidente em favor da segurança pública. Os poderes nela conjugados, do município, do Estado e da União, tornam concreta velha reivindicação popular. O prefeito Loureiro da Silva só não a realizou porque não encontrou, ao tempo, reciprocidade nos escalões da administração estadual.

Agora, porém, os tempos são outros, a criminalidade aumentou assustadoramente, de forma a pôr em risco, dia a dia, a estabilidade social. À conjugação de efetivos juntar-se-á, segundo é anunciado, um aumento da frota de veículos: convênio firmado com a Secretaria Nacional de Segurança Pública colocará, à disposição da Guarda Municipal, 14 viaturas novas, com o que se fechará o anel município, Estado e União numa harmonia de esforços que, é de esperar-se, reduzirá a prazo médio as estatísticas da criminalidade em Porto Alegre. Palmas às três hierarquias que se juntam em favor da sociedade.

O texto opinativo *Uma iniciativa louvável* (Correio do Povo, 28/05/2005) não marca o *tu* lingüisticamente, estabelecendo uma relação mais distanciada com o seu alocutário. Ainda assim, acreditamos poder resgatar o *tu* construído nesse texto.

Relembremos que a caracterização do *tu* decorre do fato de que (i) em qualquer interlocução é preciso que *eu* e *tu* tenham algo em comum, que (ii) as afirmações servem para *eu* afirmar-se frente ao outro e legitimar a sua palavra (Donaire, 2004) e que (iii) o locutor antevê a resposta que o alocutário pode dar ao seu discurso. Nesse sentido, um determinado *tu* sempre estará previsto no discurso do *eu*.

No enunciado inicial, *Concretiza-se, enfim, a primeira parte de velha aspiração dos porto-alegrenses com vistas à segurança pública na Capital: a preparação da Guarda Municipal para atuar no policiamento como linha auxiliar das forças policiais tradicionais*, o locutor revela que o alocutário projetado é, a priori, um porto-alegrense, ou pelo menos vive nessa cidade. O adjunto adverbial intercalado “enfim” denota, pela polifonia de nível lingüístico, que o locutor põe em cena este ponto de vista:

E1 – Espera-se há tempos pela preparação da Guarda Municipal para atuar no policiamento como linha auxiliar das forças policiais tradicionais.

No discurso, percebemos que o locutor revela um interesse comum entre ele e seu alocutário, de modo que E1 é assimilado não somente ao locutor, como também ao alocutário e a terceiros (população de Porto Alegre, em geral). Dessa maneira, o alocutário é construído como compartilhando com o locutor do interesse na segurança pública da Capital, provavelmente por ser um porto-alegrense ou por morar na cidade.

Em seguida, o locutor apresenta uma série de detalhamentos de como será essa mudança, valendo-se de expressões explicativo-informativas. Na parte final do texto, há uma integração entre *é de esperar-se, reduzirá a prazo médio as estatísticas de criminalidade em Porto Alegre e Palmas às três hierarquias que se juntam em favor da sociedade*. Dessa integração decorre o sentido de que a redução da criminalidade é um resultado favorável à sociedade. Assim, *tu* é a sociedade porto-alegrense em geral.

Outro elo apresentado como unificador de *eu* e *tu* é o desejo por segurança pública. Como nossa abordagem é discursiva, ou seja, analisa as relações estabelecidas no discurso como um todo, podemos associar o enunciado inicial *Concretiza-se, enfim, a primeira parte de velha aspiração dos porto-alegrenses com*

vistas à segurança pública na Capital com o enunciado é de esperar-se, reduzirá a prazo médio as estatísticas de criminalidade. Dessa associação, temos o seguinte enunciador:

E2 – Os porto-alegrenses esperam que as estatísticas de criminalidade sejam reduzidas.

O ponto de vista desse enunciador é assimilado ao locutor e ao alocutário. Dessa maneira, *eu* constrói *tu* como alguém que compartilha do mesmo ideal, isto é, que há compatibilidade de pensamento entre eles. Se assim não fora, seriam necessários argumentos que defendessem essa posição. A ausência de argumentos que legitimem a posição do *eu*, isto é, a ausência de assimilação do *tu* a pontos de vista diferentes, demonstra que o locutor não previu um alocutário contrário a essa posição.

O locutor defende, ainda, que a administração estadual atual é a que favoreceu essa ação. Isso pode ser observado em *O prefeito Loureiro da Silva só não a realizou porque não encontrou, ao tempo, reciprocidade nos escalões da administração estadual.* A expressão frástica *só não*, presente nesse enunciado, permite o entendimento de que, se não fora pela administração estadual anterior, essa atitude já teria sido tomada. Com isso, percebemos que o enunciado coloca em cena estes enunciadores:

E3 – A administração municipal anterior não atendeu à velha aspiração dos porto-alegrenses.

E4 – A administração municipal anterior quis atender à velha aspiração dos porto-alegrenses, mas foi impedida pela administração estadual anterior.

O enunciador E3 pode ser assimilado ao alocutário, na medida em que demonstra que o locutor prevê a possibilidade de seu *tu* ter esse pensamento. Por meio de *só não*, observamos que o locutor constrói um possível alocutário que poderia se identificar com E3. Além de assimilar E3 a um possível alocutário, o locutor, ao mesmo tempo, tem outras duas atitudes: rechaça E3 e identifica-se com E4. Dessa forma, ele consegue expor sua opinião e tenta persuadir o seu leitor de sua posição. Podemos pensar que o locutor constrói a possibilidade de um *tu* que

tenha uma posição partidária contrária e, como tal, precisa ser persuadido de que está errado.

Devemos destacar, ainda, o uso de elementos lexicais atenuadores tais como *naturalmente* em *esse encargo tem, naturalmente, que ser precedido de preparação do pessoal* e dos elementos frásticos *por enquanto* e *mas* em *Por enquanto, é insignificante o acréscimo, mas irá aumentando na medida em que novos alunos completarem o curso*. Por meio da análise desses elementos no discurso, são apresentados os seguintes enunciadores:

E5 – A Guarda Municipal atuará logo.

E6 – A Guarda Municipal não poderá atuar logo.

E7 – Antes, é preciso preparar a Guarda Municipal.

E8 – O acréscimo é insignificante.

E9 – O acréscimo só é insignificante por enquanto.

O locutor identifica-se com E6, com E7 e com E9 e rechaça E5 e E8. E5 e E8 podem ser assimilados ao alocutário, pois o locutor pode estar prevendo um *tu* que crie a expectativa de que a medida logo será posta em prática, bem como um *tu* que considere insignificantes os números apresentados pelo locutor. Pela relação de assimilação, de identificação e de rechaço, o locutor expressa a sua opinião e busca influenciar o alocutário. Assim, o locutor constrói, pela argumentação, um alocutário que deve ter paciência, porque a demora na aplicação da medida não é culpa da administração, mas uma consequência do tempo necessário para a mudança.

Finalmente, pelo uso de dois elementos lexicais, o adjetivo *louvável*, em *uma iniciativa louvável* e o substantivo *palmas* em *palmas às três hierarquias que se juntam em favor da sociedade*, observamos um convite do locutor para que o seu alocutário compartilhe da visão positiva em relação à administração atual. Temos, assim, este enunciador alusivo ao alocutário:

E10 – Os porto-alegrenses devem aplaudir a atitude das administrações atuais.

Podemos dizer que o locutor se identifica com E10 e busca levar o alocutário a também identificar-se com esse enunciador.

Em síntese, o *tu* desse discurso é alguém que de certa forma participa da sociedade porto-alegrense, que considera que a segurança pública não vai bem na Capital, espera por atitudes rápidas por parte da administração pública para resolver essa situação, que precisa ser informado de que tal atitude já está iniciando, que pode ou não ter a mesma posição política do governo atual, mas que, independentemente disso, deve ter uma boa imagem da atuação do governo em favor da segurança pública.

4.2.9 Análise 9

(...) USO ADULTO E ADOLESCENTE ACIMA DE 14 ANOS DE IDADE**PARTE II****INFORMAÇÕES AO PACIENTE**

Ponstan® (ácido mefenâmico) é um antiinflamatório com atividade analgésica e antipirética. É indicado para o alívio sintomático da artrite reumatóide, osteoartrite, dor, dismenorréia primária, menorragia por causas disfuncionais ou por uso de DIU e síndrome pré-menstrual. Os efeitos colaterais gastrintestinais mais comumente relatados são: diarreia, náuseas com ou sem vômitos e dor abdominal.

Nesse texto, podemos pontuar a coletividade como característica assinaladora do lugar do *tu* no discurso, uma vez que o gênero “bula” se destina a um grupo de pessoas reais com determinada carência. Essa carência, normalmente associada a alguma enfermidade, é, ainda, elemento especificador do *tu*. A partir da descrição do medicamento, especifica-se o *tu* pretendido, cuja necessidade se busca suprir. Esclareçamos.

Em primeira instância, o alocutário é especificado explicitamente pelos elementos lexicais “adulto”, “adolescente” e “paciente”. Com esses elementos, constatamos que o *tu* é um grupo de pessoas em geral – excetuadas as crianças. Entretanto, esse grupo pode ser ainda sub-especificado. Quando o locutor enuncia *é um antiinflamatório com atividade analgésica e antipirética*, além de predicar sobre o medicamento (como o propõem os estudos sobre a pregação), ele delimita o alocutário para quem o seu dizer é endereçado. Assim, põe em cena este enunciador que alude ao *tu*:

E1 – O paciente deve sentir dor ou estar com febre.

Ao apresentar esse enunciador, o locutor (i) delimita os usuários do medicamento e (ii) exclui aqueles que não o devem utilizar.

Ao longo do discurso, o locutor vai especificando ainda mais o alocutário. Em *É indicado para o alívio sintomático da artrite reumatóide, osteoartrite, dor,*

dismenorréia primária, menorragia por causas disfuncionais ou por uso de DIU e síndrome pré-menstrual, temos os seguintes enunciadores alusivos ao *tu*:

E2 – O paciente pode ter dores ou febre devido à artrite reumatóide.

E3 – O paciente pode ter dores ou febre devido à osteoartrite.

E4 – O paciente pode ter dores em geral.

E5 – O paciente pode ter dores ou febre devido à *dismenorréia primária*.

E6 – O paciente pode ter dores ou febre devido à *menorragia*.

E7 – O paciente pode ter dores ou febre devido à *síndrome pré-menstrual*.

O locutor apresenta esses enunciadores, especificando o público-alvo ao qual se destina o produto. Além desses, podemos afirmar que o locutor impõe este ponto de vista: o paciente pode ser mulher. O locutor prevê um alocutário do sexo feminino, uma vez que se vale das expressões lexicais “*dismenorréia primária*”, “*menorragia*” e “*síndrome pré-menstrual*”, que, polifonicamente, denotam problemas exclusivos às mulheres.

Convém, neste momento, salientar que a bula de remédio, enquanto gênero de discurso, tem sempre a característica de revelar as orientações necessárias para o *tu* poder fazer um bom uso do medicamento. Nesse sentido, podemos propor que, por meio das indicações da bula, é possível delimitar o alocutário a quem se destina o discurso. Ademais, esse alocutário é construído como alguém que desconhece as indicações do medicamento, bem como as instruções de uso. Em outras palavras, é construído como alguém que precisa ser orientado e avisado de informações de que não dispõe. Com isso, o *tu* das bulas de qualquer natureza sempre será construído como alguém que precisa receber instruções para se servir do medicamento.

Devemos mencionar, ainda, que esse “alguém” que precisa receber instruções sobre o medicamento pode ser um profissional da medicina. A expressão técnica entre parênteses *ácido mefenâmico* parece indicar um alocutário que dispõe de conhecimentos sobre o componente, como os médicos, por exemplo. Além disso, sabemos que *dismenorréia primária, menorragia, síndrome pré-menstrual* são expressões cujo significado não está à disposição de toda população. São unidades léxicas caracterizadas como tecnicismos. Assim, a própria seleção lexical, como pontua Ducrot, configura o sentido. No nosso caso, essa escolha determinaria o alocutário. Não obstante isso, todos os termos técnicos estão sob o tópico

informações ao paciente, o que nos orienta para a conclusão de que o *tu* é construído, prioritariamente, como o provável usuário. Não podemos falar em *tu* construído por associações ao exterior, desconsiderando o que o discurso diz do *tu*.

Com efeito, o alocutário desse discurso é o paciente, adulto ou adolescente, possivelmente do sexo feminino, que sente dor ou está com febre devido à artrite reumatóide, osteoartrite, dismenorréia primária, menorragia por causas disfuncionais ou por uso de DIU ou síndrome pré-menstrual e que precisa ser orientado sobre o uso, as indicações e as reações adversas do medicamento para poder utilizá-lo.

4.2.10 Análise 10

bb.com.br

Em homenagem ao
Dia das Mães,
a gente quer deixar você
ainda mais bonita.

Faça um BB Seguro Vida Mulher e ganhe um *kit* beleza.

Até 31 de maio, você contrata um BB Seguro Vida Mulher e ganha um estojo de pincéis para maquiagem. Caso a cobertura contratada seja igual ou superior a R\$ 35 mil, você recebe também um Seguro Residencial.

Acesse bb.com.br ou passe em uma agência Banco do Brasil.

O tempo
todo com,
VOCÊ



Um produto da Companhia de Seguros Aliança do Brasil, comercializado pela BB Corretora de Seguros e Administradora de Bens S.A.

Nessa propaganda da BB Corretora de Seguros há um *tu* lingüisticamente marcado pelo pronome pessoal (*você*) e pelos imperativos de terceira pessoa (*faça, ganhe, acesse, passe*). O pronome pessoal *você* refere-se à pessoa do sexo feminino e, mais especificamente, à mulher que é mãe. Isso é evidenciado pela associação do enunciado *a gente quer deixar você ainda mais bonita*, em que o adjetivo caracteriza o sexo, e o enunciado *em homenagem ao Dia das Mães*, que impõe este ponto de vista:

E1 – Você é mulher/mãe.

No entanto, conforme atesta Donaire (2004), há elementos lexicais cujo aparecimento por si só já assegura a polifonia do enunciado. Nessa perspectiva, a expressão *Dia das Mães* também tem outras implicações, tais como:

E2 – O dia em que as mães devem ser presenteadas.

Esse enunciador, que pode ser assimilado ao locutor, ao alocutário e a terceiros, associado ao discurso precedente, permite que seja percebido outro enunciador alusivo a um *tu* diferente de mulher/mãe:

E3 – Você é qualquer pessoa que queira presentear uma mulher/mãe.

O locutor se identifica com esse ponto de vista uma vez que, no decorrer do discurso, não apresenta elementos retificadores dessa idéia. Ao contrário, na seqüência discursiva, o alocutário é sempre tratado como “você” e não como “mãe”. Com isso, podemos afirmar que há dois alocutários construídos nessa enunciação inicial: o alocutário “mulher/mãe”, que pode se “auto-presentear”, e o alocutário “qualquer pessoa que queira presentear uma mulher/mãe”. Contudo, essa “qualquer pessoa” é, prioritariamente, do sexo feminino, uma vez que o adjetivo “bonita” impõe esse ponto de vista.

Além desses dois alocutários, a expressão *Até 31 de maio... passe em uma agência Banco do Brasil*, também demonstra que não está excluída a possibilidade de a contratação do BB Seguro Vida Mulher ser para qualquer mulher, mãe ou não.

Temos, então, a partir dessa expressão um quarto enunciador que alude ao alocutário:

E4 – Você é qualquer pessoa que queira contratar um BB Seguro Vida Mulher para uma mulher.

Nos três casos de alocutários existentes nessa enunciação, há um delimitador que os une: os alocutários possuem certo nível social. A palavra *seguro* em si já acarreta, via polifonia, o ponto de vista de que é preciso dispor de determinado valor financeiro, de que esse valor é alto para as classes sociais mais baixas, de que apenas pessoas de classe média e alta poderiam utilizá-lo. Nesse sentido, podemos apresentar um quinto enunciador que alude ao alocutário e com o qual o locutor se identifica:

E5 – Você tem um bom nível social.

Além da palavra *seguro*, esse enunciador é reforçado pela exposição do valor possível para o segurado em *caso a cobertura contratada seja igual ou superior a R\$ 35 mil*, que indica a possibilidade de o *tu* dispor desse valor ou mais para a contratação desse seguro.

O alocutário também pode ser mais bem especificado a partir da expressão *a gente quer deixar você ainda mais bonita*. Nesse enunciado, mediante o uso do elemento frástico *ainda mais*, combinado com o adjetivo *bonita*, o locutor põe em cena estes enunciadores:

E6 – Você é mulher.

E7 – Você é bonita.

E8 – Você pode aumentar a sua beleza.

E9 – Você valoriza a beleza.

O locutor apresenta E6 e identifica-se com E7, E8 e E9. Ao identificar-se com E7, E8 e E9, o locutor cria a imagem de um alocutário que se interessa pela beleza.

Essa imagem de pessoa que valoriza a beleza é aproveitada no decorrer do discurso para incentivar a adesão ao seguro. Assim, outra consideração a ser feita

sobre o *tu* é a de que ele é construído como alguém que precisa de algum incentivo para investir em seguros e, mais especificamente, no BB Seguro Vida Mulher. Isso é observado na seqüência *Faça um BB Seguro Vida Mulher e ganhe um Kit beleza*. O kit beleza, especificado posteriormente como estojo de pincéis para maquiagem, funciona como um incentivo à adesão do seguro via Banco do Brasil; é o seu diferencial. Desse modo, são postos em cena estes enunciadores:

E6 – Você é uma mulher.

E9 – Você valoriza a beleza.

E10 – Você se interessa por kit beleza.

E11 – Você é alguém que, além de adquirir o seguro, poderá ficar mais bonita com o kit beleza.

E12 – Você é alguém que, além de adquirir o seguro, poderá presentear uma mãe/mulher com um estojo de pincéis para maquiagem para deixá-la mais bonita.

Como dissemos, o locutor apresenta E6. Com isso, ele não assume a posição de que o *tu*, necessariamente, é uma mãe, pois existe a possibilidade de o *tu* presentear uma mãe com o kit beleza. No caso de E10, ao contrário, há identificação do locutor com o enunciador, o que demonstra que o locutor assume o ponto de vista de que o alocutário pode ter interesse em um kit beleza, porque valoriza a beleza (E9). Quanto a E11 e E12, o locutor identifica-se, mostrando que o alocutário pode ter interesse no kit por ser mulher ou por querer presentear uma mãe/mulher.

Outro ponto de vista implicado no discurso sobre o alocutário que não pode ser esquecido é o de que o *tu* se interessa por seguro de vida. No discurso, o locutor não arrola argumentos em defesa da necessidade de se aderir a uma cobertura, dando por certo o fato de que o alocutário tem interesse por esse tipo de seguro. Além desse interesse, o alocutário também é construído como alguém que se importa com seguro residencial, que é um recurso usado, juntamente com o kit beleza, para incentivar a adesão ao programa do Banco do Brasil e a dispensação do de outros bancos. Dessa forma, o discurso não põe em questão o interesse do alocutário por seguros, mas sim o interesse pelas coberturas oferecidas pelo Banco do Brasil.

Também é interessante notar como o locutor compõe o discurso usando a palavra para construir diferentes alocutários. A unidade de sentido do discurso é

garantida pela temática “Dia das Mães”. Mas, o locutor não exclui outros possíveis alocutários que poderiam querer aderir ao seguro. Construindo diferentes alocutários, o locutor consegue influir sobre diferentes “*tus*”, alcançando o seu objetivo de ampliar o potencial de venda. E, essa construção é assegurada pela relação que o locutor mantém com os pontos de vista que põe em cena, ou seja, pela argumentação. Com isso, reiteramos o nosso pensamento de que a argumentação permite o resgate do alocutário construído no discurso.

Para resumir esta análise, dizemos, então, que o *tu* construído nessa enunciação é você que é mulher ou mãe, ou quer presentear uma mulher/mãe, valoriza beleza e segurança, tem determinado nível social e pode optar por uma cobertura de seguros dependendo das vantagens que o banco lhe ofereça.

4.3 CONSIDERAÇÕES PARCIAIS: Da abordagem polifônico-discursiva do alocutário ao ensino

No capítulo 2, fizemos notar que a abordagem gramatical tradicional, baseada em uma concepção fechada e “monológica” da língua, desvinculada do contexto lingüístico, é insuficiente para a análise da construção do alocutário no discurso do locutor. Assim sendo, desenvolvemos, a partir dos princípios ducrotianos e das discussões de Donaire (2004), uma proposta analítica que permitisse contemplar o alocutário pressuposto no discurso do locutor, a partir da instância implícita do “ponto de vista” e das relações que o locutor estabelece com essa instância. Com isso, procedemos, neste capítulo, à aplicação da nossa metodologia em discursos reais, verificando a sua eficácia para o resgate do *tu* construído no discurso do *eu*.

Como primeira consideração sobre os resultados das análises, podemos afirmar que a nossa proposta permitiu não apenas recuperar o alocutário construído pelo locutor, como também sustentar, mediante elementos lingüísticos lexicais, frásticos e enunciativos presentes no discurso, a nossa interpretação. Vimos que, mesmo em casos em que havia ausência total de marcas formais assinaladoras do alocutário, como no discurso sobre os orizicultores gaúchos, foi possível resgatar pontos de vista do *eu* alusivos ao *tu*, bem como a relação que o locutor mantém com esses pontos de vista para construir o seu alocutário. Vimos, também, que, pelo processo de assimilação de pontos de vista, o locutor antecipa as possibilidades de respostas do alocutário, favorecendo, com isso, a recuperação do *tu* que construiu. Evidentemente, o grau de pontos de vista implícitos do alocutário recuperáveis nos discursos em análise foi variável. Alguns textos permitiram mais facilmente essa recuperação. Outros apresentaram um grau maior de “implicitude” do alocutário, dificultando o seu resgate (seria isso intencional?). De qualquer forma, em todos os casos foi possível identificar em alguma medida um *tu* implícito; concluímos, portanto, pela apropriação da perspectiva polifônico-discursiva para a análise do alocutário que o locutor constrói em seu discurso.

Outra implicação teórica desta tese diz respeito à natureza do alocutário que investigamos. Sabemos que, quando Ducrot fala em *tu*, refere-se, prioritariamente, ao *tu* da relação *eu-tu*, isto é, ao *tu* da enunciação. Entretanto, o autor deixa indicações de que pode haver um alocutário interior à instância lingüística do locutor,

um alocutário criado pelo locutor, quando diz que, em um enunciado, *eu* pode assimilar um ponto de vista ao *tu*. Nesse sentido, já não se trata do alocutário em si, mas de um alocutário implicado pelo discurso. Logo, a natureza deste alocutário pode ser entendida como a do “ser discursivo criado pelo locutor”. Contudo, não foi apenas pelo processo de assimilação de pontos de vista ao *tu* que resgatamos o alocutário. O que Ducrot não previu foi a recuperação da figura (da imagem) que *eu* faz do *tu* por intermédio da argumentação. Por meio das atitudes do locutor com os enunciadores alusivos ao *tu*, também vemos o alocutário que o locutor construiu. A descrição do alocutário construído no discurso deriva, portanto, da argumentação. Assim, há duas formas de se resgatar o alocutário a partir da proposta ducrotina: (i) pelo processo de assimilação dos pontos de vista ao alocutário (proposta prevista pelo autor, ainda que não propriamente para o exame do *tu*) e (ii) pelas demais atitudes do locutor ante enunciadores alusivos ao *tu*, ou seja, pela argumentação sobre o alocutário.

Uma outra consideração remete às implicações dos nossos resultados para a prática pedagógica. Em consonância com os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa, que apregoa que para as práticas de ensino, tanto o ponto de partida quanto o ponto de chegada é o uso da linguagem, nossa proposta não se encerra no exame da língua enquanto sistema, mas permite analisar os sentidos efetivos doados pelo discurso. Nessa perspectiva, acreditamos que esse tipo de análise favorece o desenvolvimento da competência discursiva do aluno, de modo que ele compreenda o funcionamento das relações intersubjetivas, e cria condições para a sua participação social, para o exercício de sua cidadania (PCNs, 1998, p. 23).

Ainda nos apoiando nos PCNs, que defendem a articulação dos conteúdos em torno do eixo “uso da língua oral e escrita” e do eixo “reflexão sobre a língua e a linguagem”, pontuamos que a nossa análise contribui para o trabalho em sala de aula com esses dois eixos. Primeiramente, recordemos que o eixo “uso” refere-se aos aspectos que caracterizam o processo de interlocução, tais como o sujeito enunciativo, o interlocutor, a finalidade da interação e o lugar e momento de produção. Em segundo lugar, lembremos que os conteúdos do eixo “reflexão” foram desenvolvidos sobre os do eixo uso e referem-se “à construção de instrumentos para análise do funcionamento da linguagem em situações de interlocução, na escrita, leitura e produção, privilegiando alguns aspectos lingüísticos que possam

ampliar a competência discursiva do sujeito”. Aceitando esse pensamento, entendemos que o alocutário é um elemento constitutivo da interação e que os alunos precisam reconhecer e compreender como essa figura é construída no discurso para poderem ler, escrever e analisar o funcionamento da linguagem nas relações intersubjetivas e, com isso, potencializar sua capacidade discursiva.

No que se refere à prática da leitura, a nossa análise permite estimular a compreensão ativa do aluno, em oposição à mera decodificação das letras e das palavras. Com esse tipo de proposta, o professor contribui para a formação de um leitor competente, que compreende o que lê, apreende também o que não está escrito, os implícitos, e, mais especificamente, um leitor que percebe como o outro o vê nas relações intersubjetivas. Esse aluno-leitor conseguirá, ainda, inferir os objetivos do autor de persuadi-lo, como também as estratégias utilizadas para convencê-lo de alguma ideologia ou para incitá-lo à determinada ação. Vejamos, por exemplo, a análise da entrevista com FHC, em que os locutores não afirmam explicitamente “você deve entender que Lula não faz um bom governo”, mas induzem o alocutário a pensar assim, por meio dos enunciadores postos em cena e das atitudes que tomam ante esses enunciadores.

Outra vantagem da abordagem polifônico-discursiva para a formação de leitores é a oportunidade que ela oferece ao aluno de saber como justificar e validar a sua leitura, a partir da observação das relações estabelecidas entre os elementos discursivos e não da simples intuição. Não estamos propondo que o professor utilize a abordagem discursiva para adotar uma política de “silenciamento de sentidos”¹⁰, mas entendemos que essa metodologia dá recursos para o professor estabelecer os limites das leituras possíveis, levando o aluno a compreender porque nem toda leitura é viável. Pensamos que essa postura contribuirá para que a escola supere a problemática corrente de os alunos sentirem que “não sabem ler os textos” e de não compreenderem os motivos pelos quais sua leitura não procede.

Quanto à escrita e à produção oral, pensamos que a nossa proposta auxilia o professor na formação de escritores/oradores competentes, capazes de produzir

¹⁰ A expressão “silenciamento dos sentidos” é empregada por Mendonça (2001) para designar a atitude dos formadores de opinião, tais como os professores e o livro didático, que limitam os sentidos dos discursos. Segundo a autora, é comum, nas atividades escolares, o fechamento das múltiplas possibilidades de sentido, porque tais atividades fundamentam-se em um conceito de sentido transparente e ignoram a tendência natural dos textos à ambigüidade, ao meio-tom, à relatividade. Nesse artigo, a autora analisa exercícios de leitura em livros didáticos e comprova que tanto as perguntas, quanto as respostas sugeridas pelo autor, reduzem as possibilidades interpretativas e, assim, silenciam os sentidos presentes nos textos.

textos coerentes, coesos e eficazes e de planejar o discurso em função do seu objetivo e do leitor a que se destina (PCNs, 2000, p. 65). Entendemos que não é possível produzir textos¹¹ desconsiderando-se o alocutário. Assim sendo, antes mesmo de começar a atividade discursiva, o aluno precisa construir um alocutário, antecipando as possíveis respostas ou objeções que o *tu* poderia dar ao seu discurso, para não invalidar a sua produção. Essa antecipação dos pontos de vista que o locutor pressupõe que o alocutário possa ter, ficou clara, por exemplo, na análise da propaganda da Elma Chips, em que *eu* constrói um *tu* que pode estar desconfiado de suas verdadeiras intenções e atribui-lhe um ponto de vista semelhante a “o locutor quer enganar-me para que eu consuma o seu produto”. Ao construir esse *tu*, o locutor adianta-se na sua defesa, enunciando *Claro que salgadinhos, como tudo nessa vida, devem ser consumidos sem exagero* e, com isso, refuta essa possível objeção.

Igualmente, convém que o aluno compreenda que, ao escrever/falar, ele constrói um alocutário, ainda que não perceba. Precisa compreender, também, que essa construção não se dá apenas explicitamente, por meio das formas de tratamento propostas pela gramática. Há, em cada palavra, a possibilidade de se dizer algo sobre o outro. O aluno precisa ter esse entendimento tanto para produzir discursos que alcancem seus objetivos, quanto para revisar a sua produção, a fim de não construir um *tu* que não pretendia, ou construir, sem intenção, “*tus*” diferentes, afetando a unidade de sentido do seu texto. A “desconstrução” do alocutário só ocorre de modo intencional, para gerar efeitos de sentido específicos e conscientes, segundo os objetivos do locutor, sem prejudicar a unidade do discurso, como observamos na análise da carta ao Vice-Presidente, em que o locutor “desconstrói” intencionalmente o seu alocutário, para evitar um confronto inicial com uma autoridade superior, mas, ao mesmo tempo, expressa a sua opinião. Para nós, o aluno deve compreender que o alocutário construído faz parte da unidade de sentido de suas produções. Dessa forma, a abordagem polifônico-discursiva está diretamente ligada à noção de coerência.

Do mesmo modo, o aluno produtor de discurso precisa entender que os textos variam em relação ao grau de expressão do alocutário. É o caso, por exemplo, do texto sobre os orizicultores gaúchos, em que se puderam recuperar apenas poucos

¹¹ Neste momento, usamos os termos “discurso” e “texto” como sinônimos.

pontos de vista alusivos ao alocutário. Com esse entendimento, o aluno terá a possibilidade de utilizar a estratégia dos graus variados em seu favor, para produzir textos eficazes, conforme os seus propósitos. Analogamente, o aluno precisa entender que os textos variam quanto ao número de alocutários a que se destinam. Como exemplo, temos a entrevista com FHC, em que o locutor tinha que se preocupar com o alocutário “Dinheiro”, bem como com o alocutário “leitor da revista”, para atingir o seu objetivo. Esse aspecto precisa ser destacado no ensino da produção textual, para que o aluno saiba discursar alcançando os diferentes públicos-alvo. Conhecer os graus variáveis de expressão do *tu* e a multiplicidade de alocutários que alguns discursos possuem auxilia na tarefa do professor de dar condições para que seu aluno seja um usuário competente da língua, que possa expressar a sua opinião com segurança e, assim, exercer a sua cidadania.

É evidente que a escola desempenha um papel fundamental para o sucesso do desenvolvimento das potencialidades de escrita e de produção oral do aluno, pois ela deverá oferecer condições para que o estudante possa construir alocutários autênticos. Se o *tu* do aluno for sempre o professor – o “*tu*-corretor” – os textos produzidos serão artificiais e as atividades não contribuirão para a formação de escritores/oradores competentes¹²¹³. Teixeira (1990), por exemplo, constatou a redução significativa dos problemas comumente encontrados nas redações escolares (tais como comprometimento da progressão temática, tendência à hipercorreção lingüística, escrita despersonalizada, etc.), ao realizar um trabalho prático que propunha uma situação de interlocução mais clara.

Em relação à reflexão sobre a linguagem, pensamos que um trabalho em sala de aula com a abordagem polifônico-discursiva estimula o aluno a refletir sobre os discursos, expandindo, por conseguinte, sua capacidade de produzir e de interpretar textos. Essa atividade reflexiva, proposta pelos PCNs, é beneficiada pela noção estruturalista de “relação”, que sustenta a obra ducrotiana. Essa noção permite o

¹² Sobre a escola ser o grande interlocutor do aluno, Britto (2005) defende que não é a ausência de interlocutor que impõe dificuldades ao aluno na hora de redigir textos, mas precisamente a forte presença de sua imagem, a do professor avaliador. Examinando exemplos de textos de alunos, o autor destaca, entre outros aspectos, palavras utilizadas pelo aluno que não pertencem ao seu vocabulário cotidiano e que aparecem de forma pouco usual no padrão culto da escrita. Assim, pergunta-se o autor “por que razão, então, [o aluno] teria optado por essas palavras e não outras, mais adequadas e que dominasse melhor(...)?” (Britto, 2005, p. 120).

¹³ A esse respeito, recomendamos também a leitura de Hoffmann e Liibke (2002), em artigo intitulado “Quem responde ao texto do aluno?”, que discute sobre o destino dado ao texto elaborado em ambiente escolar.

entendimento de que as palavras ganham sentido nas relações que estabelecem com outras palavras. Assim, o aluno pode perceber que compreender a linguagem não se resume em analisar estratos fonológicos, morfológicos ou sintáticos, descontextualizados, mas significa observar as relações estabelecidas entre esses estratos no discurso, a fim de produzir sentido.

Além de estar em consonância com os PCNs, acreditamos que, do mesmo modo, a nossa proposta se harmoniza com estudos recentes que relacionam lingüística e ensino. Entre eles, podemos destacar os que defendem o “letramento”. Esse termo, empregado pela primeira vez no Brasil por Mary Kato (1986), e desenvolvido, posteriormente, por Kleiman (1995) e por Soares (1998), tem origem na nova realidade social brasileira, em que se exigem níveis de leitura e de escrita diferentes de outros tempos. Na atualidade, não basta ser alfabetizado, “é preciso também saber fazer uso do ler e do escrever, saber responder às exigências de leitura e de escrita que a sociedade faz continuamente” (Soares, 1998, p. 20)¹⁴. Nesse sentido, pensamos que a abordagem polifônico-discursiva do alocutário, ao complementar as atividades de leitura e de produção, contribui para que o aluno possa ser um sujeito letrado que responde às demandas da sociedade atual.

Outra linha de pesquisa corrente na atualidade que relaciona lingüística e ensino é a relativa à área da formação docente. Nesses estudos, apregoa-se que a democratização do acesso à educação básica, conseqüência do fortalecimento dos direitos da cidadania e da disseminação das tecnologias da informação, impactaram as expectativas educacionais da sociedade. Conseqüentemente, cada vez mais, é indispensável que professores disponham de uma boa cultura geral e de domínio dos conhecimentos para que seu ensino seja eficaz. O professor não pode facilitar o desenvolvimento das potencialidades do aluno se não teve oportunidade de aprimorá-las em si mesmo. Da mesma forma, não pode promover a aprendizagem de conteúdos que não domina. De acordo com Mello (2000), “é imprescindível que o professor que se prepara para lecionar na educação básica demonstre que desenvolveu ou tenha oportunidade de desenvolver, de modo sólido e pleno, as competências previstas para os egressos da educação básica”. Nessa perspectiva,

¹⁴ De aí decorre a distinção das expressões “sujeito alfabetizado” e “sujeito letrado”. Segundo Soares (1998), uma pessoa pode ser “analfabeta”, por ser marginalizado social e economicamente, mas ser, de certa forma, “letrada”, por se envolver em práticas sociais de leitura, tais como ouvir a leitura que os alfabetizados fazem ou ditar cartas para serem escritas. De qualquer forma, o sujeito efetivamente “letrado” sabe ler e escrever, bem como faz uso competente e freqüente da leitura e da escrita.

entendemos que muitas vezes o professor não sabe trabalhar com leitura e produção na sala de aula, porque não teve acesso a referencial teórico-metodológico para esse tipo de trabalho. Por essa razão, reproduz a tradição escolar de usar o texto como pretexto para o ensino de aspectos gramaticais. Assim, acreditamos que, se o professor tiver a oportunidade de estudar a abordagem polifônica em geral, e, mais especificamente, a abordagem polifônico-discursiva do alocutário, disporá de recursos para desenvolver, primeiramente, a sua competência discursiva e, depois, a de seus alunos.

Para concluir, é conveniente mencionarmos que não defendemos a exclusão da abordagem gramatical no ensino, mas buscamos a promoção de uma multiplicidade de olhares sobre um mesmo objeto, de modo que esse objeto possa ser mais bem compreendido. Nesse sentido, para nós, a escola deve compreender que a análise tradicional não é a única forma de se observar a linguagem, que o ensino da gramática não se confunde com o ensino da língua e que, na maioria das vezes, a gramática tradicional não reflete a dinamicidade da linguagem em uso. Pensemos, por exemplo, na análise da propaganda da Elma Chips: como explicar, via gramática tradicional, que o *tu* é assinalado por um substantivo e que esse substantivo é empregado com o objetivo de o locutor demonstrar a sua consideração para com o seu alocutário?

Desse modo, acreditamos ter mostrado que uma abordagem discursiva da segunda pessoa permite uma percepção mais ampla do *tu* construído no discurso do *eu*, uma vez que não se fundamenta apenas em marcas lingüísticas pré-estabelecidas, mas avalia os implícitos deixados pelo locutor, os pontos de vista alusivos ao alocutário, a partir das relações entre todos os elementos (lexicais, frásticos, enunciativos) que compõem o discurso. Naturalmente, um passo necessário para o uso desta proposta na escola pressupõe (i) a transposição didática da teoria e (ii) a adaptação dos níveis de exigência nas análises às fases de desenvolvimento bio-psicológicas dos alunos¹⁵. Sem dúvida, esses dois aspectos deverão constituir uma próxima etapa em investigações futuras.

¹⁵ Para um detalhamento sobre as fases de desenvolvimento do leitor, recomendamos a leitura de Coelho (2005, p. 32-40).